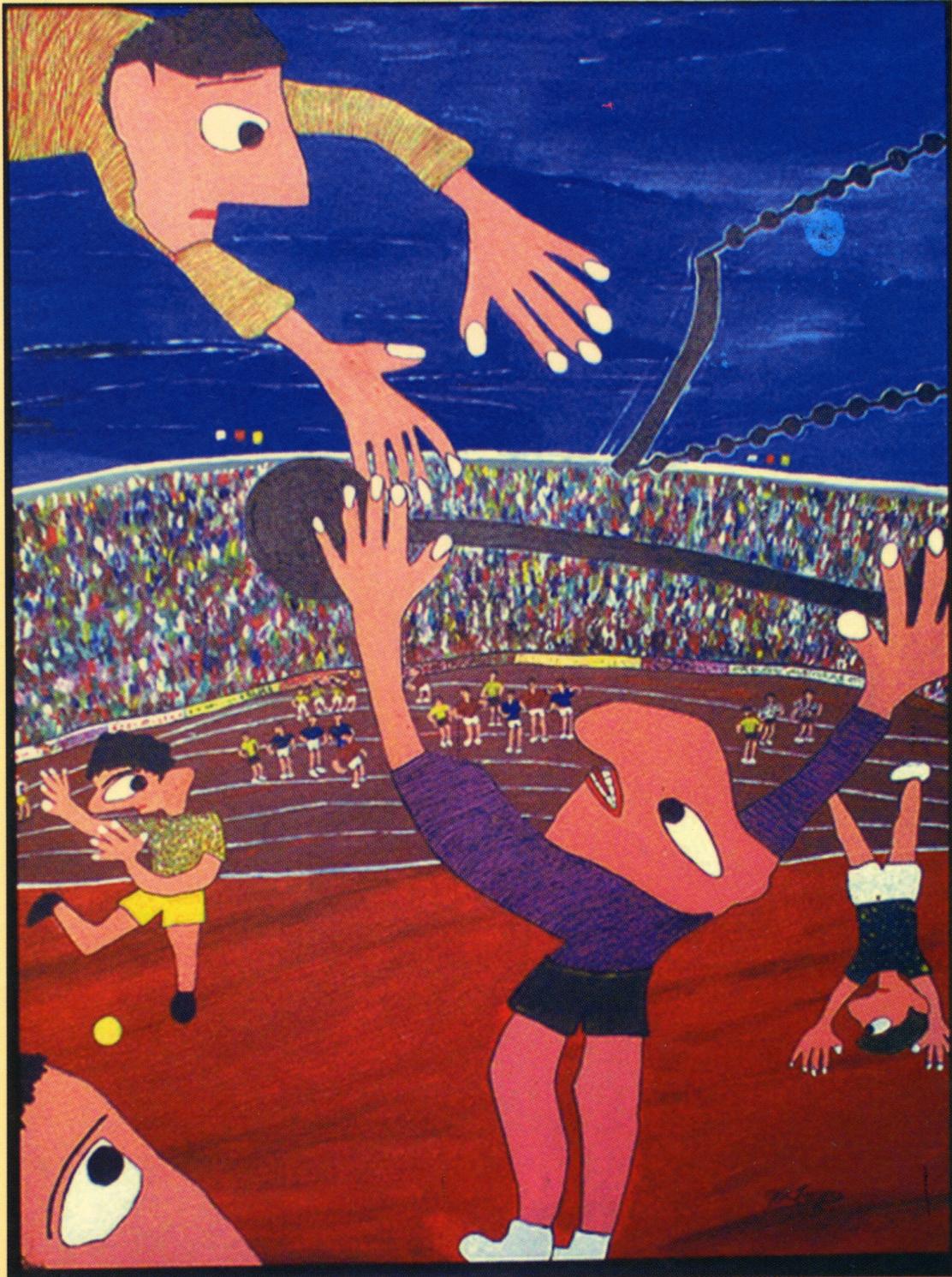


UTOPIA



Utopia

Revista Anarquista de Cultura
e Intervenção

Nº 25
Janeiro – Junho 2008
5,00 Euros
(isento de IVA)



Director
Mário Rui Pinto

Colectivo Editorial

Carlos António Nuno, Guadalupe Subtil,
Ilídio Santos, J. M. Carvalho Ferreira, José Janela,
José Quintal, Manuel Almeida e Sousa,
Mário Rui Pinto, Mónica Fraga.

Colaboradores

Alicia Zarate, Antoni Castells, Armando Veiga,
Arno Gruen, Attila Toukkour, Carlos Díaz,
Claire Auzias, Christian Ferrer, Edson Passetti,
Elisiário Lapa, Francisco Madrid, João Meirinhos,
José Maria Quadros, José Tavares, Lia Chaia,
Luciano Lanza, Luís Chambel, Maria Oly Pey,
Mimmo Pucciarelli, Pietro Ferrua, Quim Sirera,
Roberto Freire.

Capa

José Tavares
"Estádio e Atletas Olímpicos"

Contracapa

Roberto Freire (1927 – 2008)

Arranjo Gráfico

Gráfica 2000

Propriedade

Associação Cultural A Vida

Rua Sociedade Cruz Quebradense, Lote F – 2.º Esq.
Cruz Quebrada

Publicação Semestral

Registada no Ministério da Justiça com o nº 118640
NIPC da ACAV: 503347469

Tiragem

500 exemplares

Impressão

Gráfica 2000 – Cruz Quebrada

Redacção e Assinaturas

Apartado 2537 – 1113
Lisboa Codex – Portugal

E-mail: CulturalAVida@sapo.pt
Web site: <http://www.utopia.pt>

Sumário

Editorial	2
Aveso do avesso	7
O Outono Quente no IST em 1968 HENRIQUE GARCIA PEREIRA	11
1965 – 1967 Os Provos YVES FRÉMION	21
☐ Dossier Desporto	
Futebol, camus e a solidão do goleiro ACÁCIO AUGUSTO	29
desporto? MANUEL ALMEIDA E SOUSA	33
O Desporto como Miséria e Espectáculo na era da Globalização JOSÉ MARIA CARVALHO FERREIRA	35
Com Erupção JOÃO MEIRINHOS	43
Fast Sport GUADALUPE SUBTIL	47
O Maio de 68 e os enragés do futebol ZINE & DINE	51
A sociedade industrial dificulta a actividade física JOSÉ JANELA	55
Quimioterapia 8 JOÃO MEIRINHOS	59
Glossário básico do anarquismo JOSÉ TAVARES	61
António Manuel Anica JOSÉ MARIA CARVALHO FERREIRA	75
Quimioterapia 11 JOÃO MEIRINHOS	81
Francisco Gomez "Paco" TONIA E ELISIÁRIO	83
Críticas de livros	86
Albert Cossery GUADALUPE SUBTIL	93
Últimas Publicações Recebidas	94
Princípios Editoriais	96

O OUTONO QUENTE NO IST EM 1968: emergência, *links* espacio - temporais e uma interrogação final

HENRIQUE GARCIA PEREIRA
(<http://cerena.ist.utl.pt/hgp>)

Ao Zé Eduardo, ex-estudante do Técnico (e de Medicina),
que chegou a velho (e a morrer) *sans être adulte*

Ao voltar ao Técnico em Outubro de 1968, após ter ‘obedecido’ (com aceso júbilo) à *consigne* da Fig. 1, encontrava-me totalmente imbuído do **espírito de Maio** – esse ânimo que punha em prática a tal indefinível **beleza compulsiva** anunciada por Breton (e que se espalhava pelo Planeta, nas cintilantes insurreições da juventude contra – uma qualquer – autoridade).

N'allez pas
en Grèce cet été, restez à la Sorbonne

Fig. 1 – Na Sorbonne, férias radicais

Nesse Outono Quente, senti-me pela primeira vez um **Cidadão do Mundo**, integrado numa rede de revolta que passara (abrasadoramente) por Paris, mas que ia do México ao Japão, da América às Burocracias de Leste, da Alemanha à Itália e à Holanda (*vd.* Fig. 2). Esse sentimento de pertença a um movimento informal anti-hierárquico e heterodoxo baseado numa **cultura de juventude** (amplamente

documentada nas paredes do Quartier Latin, vd. Fig. 3) extinguiu o dilema com que me confrontava nesse tempo: por um lado, a 'vidinha' (como dizia o O'Neill) que o miserável establishment me oferecia a curto prazo, e por outro, o (eterno e doloroso) compasso de espera a que o não menos miserável contra-establishment messiânico me condenava, pela renúncia ao **presente**.

Mas era o **presente** que queria viver, numa vida construída por mim segundo o slogan lançado por Maio aos quatro ventos (vd. Fig. 4), exaltando uma subjectividade



Fig. 4 – Um graffiti de Maio de 68



Fig. 2 – A imprensa da época e as revoltas do final dos anos 60

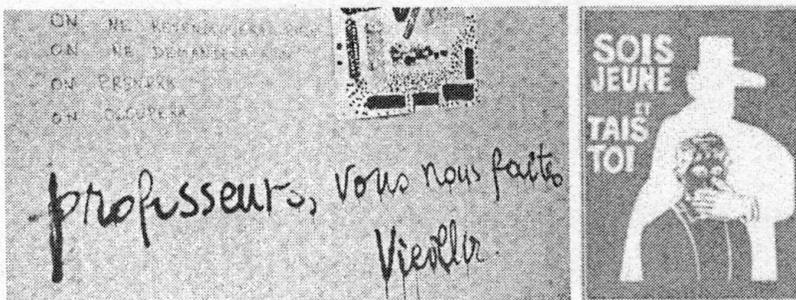


Fig. 3 – Os jovens entram em cena

autónoma, pluralista e libertária que retomava a ideia de Rimbaud: *changer la vie*.

extremamente activo que aproveitava todas as ocasiões possíveis² para 'esticar a cor-

Todavia, a *juissance* que estava na raiz dessa **revolução do desejo** encontrava-se, em Portugal, fortemente limitada por um ascético regime autoritário feito só de tempos mortos, que apelava ao sacrifício e à renúncia de todos os prazeres (em consonância, aliás, com os partidos ditos de esquerda, que chegavam a telecomandar *top-down* a vida 'sentimental' dos militantes e simpatizantes). No entanto, a Associação do Técnico – ponto de refúgio das mais variegadas gentes vindas de todos os quadrantes¹ – era um 'zona franca', destacando-se (como a Ibiza nos tempos do *caudillo*) do mapa cinzento do País, à medida que se ia colorindo através de algumas atitudes radicais de um pequeno grupo de estudantes

da', sempre no sentido de qualquer tipo de revolta contra a ordem estabelecida.

Durante o Outono Quente de 1968, a revolta contra todos os autoritarismos teve o seu epicentro no Técnico, que organiza na Cidade Universitária – através do Secretariado Coordenador de Informação e Propaganda (SCIP) – uma “contra-sessão de abertura das aulas” (em resposta à ‘cerimónia solene’, promovida pelo poder). Nos protestos pela morte em Caxias do estudante Daniel Teixeira (que resultaram em *manif* pelas imediações da Praça de Londres), e na organização da expedição massiva a Coimbra, para a “Tomada da Bastilha” (que culminou num comício com mais de dois mil participantes), também a AEIST teve papel de relevo, com o seu suporte logístico e capacidade de mobilização.

Nesse *hot spot* que era a AEIST, as canções de protesto que a **Cabine Sonora** difundia a todo o momento (combinando o Zeca com alguns registos do Maio francês, *vd.*

Fig. 5, e abrindo para a resistência à guerra colonial com Luís Cília, *vd.* Fig. 6) criavam um ambiente festivo-revolucionário que tinha o seu clímax nos **Convívios** (*vd.* Fig. 7), onde os jovens conviviam com uma cultura ‘diferente’ (que se demarcava claramente da velha hegemonia do tipo ‘neo-



Fig. 5 – O som que emanava da Sonora



Fig. 6 – Luís Cília contra a Guerra Colonial



Fig. 7 – Convívio na AEIST, durante o Outono quente

realista’), exprimindo uma atitude comportamental nova (que se pode talvez encadear com algum desenvolvimento económico das zonas urbanas³).

A nova atitude comportamental que emergiu nessa **metáfora topológica** instalada na AEIST tinha obviamente uma com-

ponente ligada ao tema do **género**. Pela primeira vez, na imprensa estudantil, surgem questões como a emancipação da mulher, o problema do aborto, a repressão sexual (vd. Fig. 8). E estas questões ‘teóricas’ tiveram a sua expressão prática no Técnico a 4 de Dezembro de 1968, com a ocupação da Sala das Alunas (onde o outro género estava proibido de entrar), na linha do que acontecera em Nanterre com a ‘invasão’ dos dormitórios femininos pelo Movimento 22 de Março, uma **acção exemplar** que teve uma im-

portância não despendianda no *déclanchement* dos ‘acontecimentos’ que animaram os meses seguintes, conferindo-lhes aliás uma dimensão inédita no que diz respeito à ‘taxa de feminilidade’ dos *enragés* (vd. Fig. 9).

Em Portugal, a revolta contra a discriminação sexual não desencadeou um feedback positivo como em França, mas antes uma feroz repressão: a Associação foi assaltada pela PIDE a 7 de Dezembro, e o Técnico encerrado até Janeiro. Na nota oficiosa do dia seguinte (vd. Fig. 10), são

‘explicadas’ detalhadamente (em 3 colunas de um ‘tablóide’ da época) as razões que levaram ao encerramento do IST (entre as quais são inflexivelmente realçadas todas as que se relacionam com “a infiltração de agitadores que arrombaram as instalações privativas das alunas”).

Apesar deste ‘amargo desfecho’, o Outono Quente de 1968 ficou para sempre na minha memória como o período com maior densidade de ‘aventuras’ pregantes de futuro. E se nunca poderei esquecer o Boulevard Saint-Germain dominado pelo verbo (re-

MULHER NO MUNDO

Que se entende quando se fala de "emancipação da mulher"?
 É a libertação da mulher em relação ao homem?
 É a libertação da mulher em relação à sociedade?
 É a libertação da mulher em relação à família?
 É a libertação da mulher em relação à cultura?
 É a libertação da mulher em relação à religião?
 É a libertação da mulher em relação à economia?
 É a libertação da mulher em relação à política?
 É a libertação da mulher em relação à arte?
 É a libertação da mulher em relação à ciência?
 É a libertação da mulher em relação à tecnologia?
 É a libertação da mulher em relação à comunicação?
 É a libertação da mulher em relação à informação?
 É a libertação da mulher em relação à cultura de massa?
 É a libertação da mulher em relação à cultura alternativa?
 É a libertação da mulher em relação à cultura underground?
 É a libertação da mulher em relação à cultura de rua?
 É a libertação da mulher em relação à cultura de contracultura?
 É a libertação da mulher em relação à cultura de resistência?
 É a libertação da mulher em relação à cultura de luta?
 É a libertação da mulher em relação à cultura de transformação?

Analisando este caso concreto, apa-rece-nos o problema do **ABORTO**. Neste tipo de sociedade repressiva, o **ABORTO** não é permitido legalmente porque toda a sociedade está apoiada no **CASAMENTO-INSTITUIÇÃO**, cuja finalidade básica é a **REPRODUÇÃO**, sem a qual não é justificável. A partir deste **CASAMENTO-INSTITUIÇÃO** surge a **FAMÍLIA AUTORITÁRIA**, que é a célula base da sociedade capitalista onde vivemos, e que tem a sua justificação, dentro da lógica do sistema, na transmissão de pais para filhos da ideologia da classe dominante

ORGANIZA GRUPOS DE DISCUSSÃO DE RAPAZES-RAPARIGAS SOBRE A SITUAÇÃO DA MULHER NA UNIVERSIDADE; SOBRE A REPRESSÃO SEXUAL A QUE ESTAMOS SUBMETIDOS NÓS, OS JOVENS.
 ENVIA-NOS AS CONCLUSÕES DO TEU CRUPO, PARA QUE ESSA EXPERIÊNCIA POSSA SER LEVADA E ALARGADA A OUTROS JOVENS
 ORGANIZA-TE NA CRÍTICA COLECTIVA.

Fig. 8 – Extractos do Binómio 35 referentes ao tema do Género



Fig. 9 – Em Paris, as mulheres tomam a palavra em Maio de 68

NOTA OFICIOSA

Encerrado o Instituto Superior Técnico

Do Ministério da Educação Nacional recebemos a seguinte nota oficiosa:

Desde o início do corrente ano lectivo, e em rigorosa conformidade com o plano que já é do conhecimento das autoridades, tem-se verificado a infiltração de um grupo de agitadores nas associações estudantis da Universidade Técnica de Lisboa, com o propó-

neros alimentícios para dentro das escolas, num manifesto ensaio de futuros manejos da mesma natureza.

Na mesma data verificou-se o arrombamento das portas de acesso às instalações privativas das alunas, por se ter entendido que tais instalações, de que fazem parte os serviços sanitários, representam «Discriminação sexual».

Fig. 10 – Nota oficiosa de 8 de Dezembro de 1968

pleto de gente a **falar** sobre tudo, mas em especial sobre a **vida como ela poderia ser**, *vd.* Fig. 11), também o Técnico fervilhante de uns meses depois constituiu um inolvidável *turning point* que inaugurou a época do **cognitariado**⁴ desejante, ligado à ‘esquerda festiva’ a que me orgulho de pertencer.

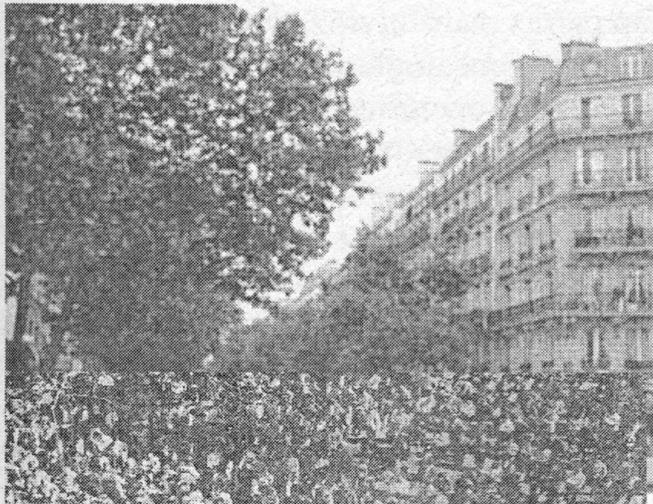


Fig. 11 – No rescaldo de Maio de 68, a multidão que queria mudar a vida

Aliás, essa ‘esquerda festiva’ (epíteto depreciativo com que a esquerda convencional nos brindava) entrou facilmente em empatia, através da **boémia**⁵, com uma desencantada (e desamparada) estirpe de *ante-babyboomers* constituída por artistas ex-frequentadores do Gelo (e por outros marginais, designados por **Bêbados da Baixa**). Este agregado heteróclito de revoltados sem partido (de que se apresentam dois exemplos na Fig. 12) encontrou na nossa juventude a ‘prova’ de que a **ideia** não estava morta, e que a ‘travessia do deserto’ tinha terminado (depois de alguns momentos de fulgor, associados também ao Técnico, mas quase uma década antes, *vd.* Fig. 13).

A **noite** era o *locus* de intensas libações (no Bolero, no Ritz, no Cantinho dos Artistas), temperadas por uma *juissance* sardónica feita de amarga ironia, e apoiadas numa estranha irmandade intelectual com a *pégre* (em analogia com algumas situações que os **Situacionistas** criavam, *vd.* Fig. 14).



Fig. 12 – Auto-retrato do João Rodrigues e fotografia do Cabeça de Vaca

Quanto à relação com o ‘mundo do trabalho’, a pendência era mais contingente,

TEXTO DISTRIBUÍDO NA EXPOSIÇÃO

Neste século já surgiram em Portugal quatro movimentos literários que dirigiram ou ainda dirigem todas as actividades que têm em vista a arte e a literatura. Um deles é o Surrealismo. António Maria Lisboa, um dos seus poetas.

Através de «Erro Próprio», conferência-manifesto, «Osséptico», «Isso Ontem Único», «A Verticalidade e A Chaves», «O Senhor Cágado e O Menino», «Exercício Sobre o Sonho e A Vigília de Alfredo Jarry» e da folha volante, «Aviso A Tempo Por Causa do Tempo», surge-nos um dos poetas mais importantes de toda a poesia portuguesa.

Sem precedentes muito visíveis na panorâmica literária nacional obriga-nos a atravessar todas as fronteiras e a colocá-lo numa órbita onde estão, por exemplo: Rimbaud, Lautréamont, Jarry, Breton, Novalis, Dante, Sade, Nerval, Apollinaire, Blake, os Alquimistas, o Hegelianismo (?) para assim tentarmos ser exactos e definir António Maria Lisboa como um poeta que tem

consigo a chave dum mundo próprio, no qual mergulhou até ao extremo das suas forças. Razão máxima que nos leva a concluir que dentro deste esvaziamento literário português contemporâneo, sem renovação nem génio, deste bicho infórme e magricela que é o quotidiano literário que reina entre nós, a figura sábia e agressiva de António Maria Lisboa, aparece-nos como sinalização dum recomeço, aviso estruturado para uma revisão de valores de toda a ordem, onde a Crítica é o sinal mais apeteido, e a Poesia, a fórmula solar desse sistema. Por ser assim, exaustivamente livre, toda a sua obra nos transmite a alegria e a ferocidade que há num acto amoroso. Daí a sua nebreza e maguificência. Daí o desprezo a que o tem lançado a Crítica oficiosa, muito mais interessada no envenenamento dum quanto mestre que repousam na paz conturbada das suas efígies, do que no poeta maluco que afinal disse, na companhia de bem pouca gente, o que ainda não tinha sido dito, inaugurando em Portugal uma banalidade que se chama no mundo Surrealismo.

Ao público presente pede-se que cumpra a ordem do cartaz da Tartária, antes de cegar a sua vítima com o alfanje ao rubro — Abre bem os teus olhos. Esse pequeno esforço não será em vão, verá rapidamente que não assiste à passagem dum digno fantasma literário, mas que tomou contacto com um poeta cujas leis são tão implacáveis como as que se lhe opõem.

Virgílio Martinho — Março 1961

Fig. 13 — Os surrealistas no Técnico do início dos anos 60



Fig. 14 — Chez Moineau, 22 Rue du Four

embora começassem a despontar algumas **pontes**, com a sua amarração centrada na **juventude**. Das 'greves selvagens' que começavam a surgir no final dos anos 60, tínhamos notícias difusas (dos conserveiros de Setúbal, dos pescadores de Matosinhos, dos estivadores do porto de Lisboa, dos operários da Standard Eléctrica), pressagiando algum confronto entre os velhos militantes do PC que esperavam as sempre adiadas 'condições objectivas' e os 'imatuuros' rebeldes desenquadrados que queriam desafiar o poder, *hic et nunc*. Mas no caso das lutas da Carris de Julho de 1968, em que toda a gente dava largas à sua Wan-

derlust passeando ininterruptamente por Lisboa sem pagar bilhete⁶ numa estranha **deriva** motorizada, lembro-me (com a ajuda do meu 'caderninho' da altura) da resposta de um jovem 'cobrador' a um senil motorista ("eu quero é que o partido vá levar no cu"), quando este se queixava da "falta de enquadramento" daquela greve *sui generis*. Surgiu nessa altura (com origem no Técnico) um *tract* assinado COMITÉS ESTUDANTES-OPERÁRIOS (vd. Fig. 15), pondo em evidência a "nova tática" que rompia com os cânones tradicionais, e apoiando incondicionalmente a luta da Carris (a qual, denegrada pelas burocracias da 'oposição', foi de resto precursora de outras 'guerras' mais tardias em países mais 'civilizados, vd. Fig.16).

Na genealogia desta (ténue) ligação estudantes-operários estará sem dúvida o rude (e inesperado) contacto, de perto e *de viso*, com uma realidade social profundamente injusta, posta a nu pela campanha de solidariedade da Academia com as vítimas das inundações de Novembro de 1967. Poderá dizer-se que esta campanha marca um saliente ponto de viragem do 'movimento associativo' (passando de 'correia de transmissão' do PC para a autonomia pluralista que emergiu no Outono Quente de 1968), quando uma grande massa de estudantes —

CARRIS

DO MOVIMENTO GREVISTA

Contactando todos os dias com a greve da Carris, nas suas deslocações pela cidade, a população lisboeta descobriu (muitos pela primeira vez) que as greves são possíveis, que as greves resultam. Foi talvez essa a maior vitória dos trabalhadores em greve da Carris.

Fig. 15 – Comunicado dos estudantes sobre a ‘greve da mala’

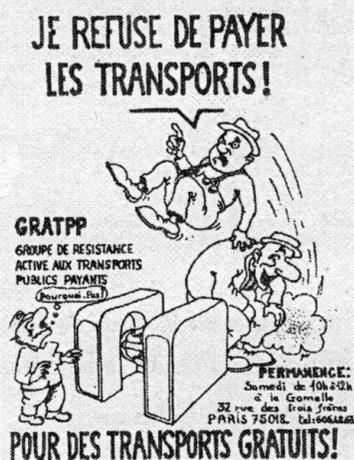


Fig. 16 – Movimento pelos transportes gratuitos em 1976

‘desenquadrados’ – deparou com as condições abomináveis em que se vivia na incipiente ‘cintura industrial’ de Lisboa, tomando consciência de que os efeitos daquela ‘catástrofe natural’ tinham uma raiz sócio-económica (já que no Estoril, por exemplo, não houve “estragos a lamentar”, apesar da pluviosidade ter sido aí mais intensa). E, nesta campanha, o Técnico teve um papel crucial, como centro de *dispatching* da ajuda aos ‘favelados’ e como órgão difusor da miséria que grassava nas áreas afectadas pela tragédia (o boletim “Solidariedade Estudantil” – vd. Fig. 17 - era ‘editado’ nas instalações da AEIST pelo SCIP).

Mais tarde, em Novembro de 1969, e em contraste com a experiência que se vivera dois anos antes, surgiu entre os alunos de direita um – limitado – movimento elitista que pretendia realizar uma corrida de *karts* no Técnico. Na Fig. 18, scannizada a partir de um *tract* intitulado “Os boicotadores rompem o silêncio”⁷, denuncia-se ironi-



Fig. 17 – “Solidariedade Estudantil” nº 1, de 1967

camente esta atitude, mostrando o IST como uma aldeia *à la Asterix* onde impera o automóvel como símbolo da tecnocracia, no meio de um país ‘atrasado’ (aquele que os “boicotadores” tinham visto durante a ‘campanha das inundações’).

Esta **acção exemplar** de boicote de uma aparentemente inócua ‘realização desportiva’ desencadeou uma (desproporcionada?) controvérsia no interior do ‘mo-

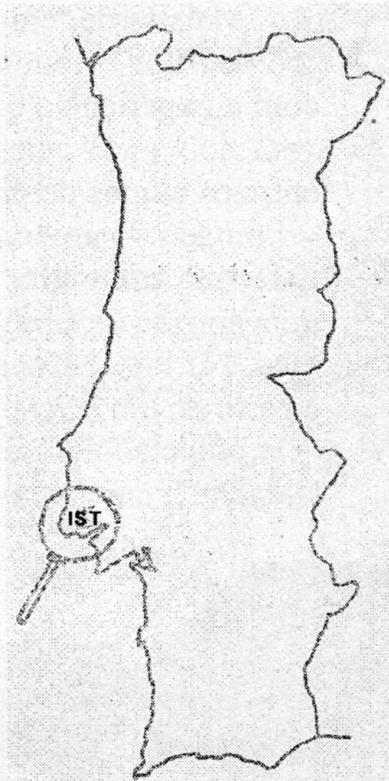


Fig. 18 – Portugal com a tecnocracia centrada no IST

vimento associativo’, suscitando alguma reflexão sobre o automóvel como veículo –

literal – do espectáculo que começava a invadir o capitalismo (vd. Fig. 19).

Esta reflexão tinha as suas raízes em posições teóricas da Internacional Situationista que vinham da década anterior (vd. Fig. 20) e em questões práticas que os

INTERNATIONALE SITUATIONNISTE

POSITIONS SITUATIONNISTES SUR LA CIRCULATION

1

Le défaut de tous les urbanistes est de considérer l'automobile individuelle (et ses sous-produits, du type scooter) essentiellement comme un moyen de transport. C'est essentiellement la principale matérialisation d'une conception du bonheur que le capitalisme développé tend à répandre dans l'ensemble de la société. L'automobile comme souverain bien d'une vie aliénée, et inséparablement comme produit essentiel du marché capitaliste, est au centre de la même propagande globale : on dit couramment, cette année, que la prospérité économique américaine va bientôt dépendre de la réussite du slogan : « Deux voitures par famille ».

2

Le temps de transport, comme l'a bien vu Le Corbusier, est un sur-travail qui réduit d'autant la journée de vie dite libre.

3

Il nous faut passer de la circulation comme supplément du travail, à la circulation comme plaisir.

Fig. 20 – Na Revista da IS nº 3, de Dezembro de 1959, a teoria da circulação lúdica segundo Guy Debord

Para quê o automóvel?

I – O SUPÉRFLUO E O PRIMÁRIO

1. O automóvel é um objecto que se compra e que se vende, uma mercadoria.

Os automóveis podem ter várias utilidades e são comprados por diversas razões. Para uns é um elemento imprescindível, por vezes mesmo um ganha-pão. Para outros é apenas uma forma insubstituível para não enfrentarem os transportes urbanos. Uns automóveis servem apenas como veículo de transporte, outros são ainda um símbolo de promoção social.

Mas todos têm em comum o serem uma mercadoria. A sua compra e venda obedece assim a um certo número de regras, que são comuns a toda a compra e venda de mercadorias. Para exemplificar estas regras tomaremos o exemplo do mercado português.

II – SEJA FELIZ CONSUMINDO

4. Mas algumas coisas ficam por explicar. Satisfeitas as necessidades, imediatas de subsistência (e às vezes até nem isso) há uma certa margem de escolha nas coisas a comprar. Existem alguns elementos que condicionam essa escolha. O mais importante é a publicidade das empresas.

A publicidade de um produto faz com que esse produto se venda mais. As empresas pagam a especialistas que digam que os seus produtos são os melhores do género. Assim vendem mais e têm mais lucros. A publicidade é uma necessidade da concorrência que existe entre as empresas.

5. Para que se venda mais um produto a publicidade ajuda a criar nas pessoas a necessidade de o comprar. Estabelece quase uma ordem de valores.

Fig. 19 – No Binómio 39 (Janeiro de 1970), começa a pôr-se em causa o automóvel

Provos levantaram em Amesterdão, uns anos antes (vd. Fig. 21). Também se poderá pensar que o filme de Dino Risi de 1962 «Il sorpasso» (vd. Fig. 22), exibido como uma ‘comédia’ no Cineclube Universitário, contribuiu de algum modo para ajudar à desconstrução do automóvel como fetiche das sociedades ‘desenvolvidas’ que os nossos aprendizes de tecnocratas queriam – toscamente – implantar no ‘circuito fechado’ desenhado

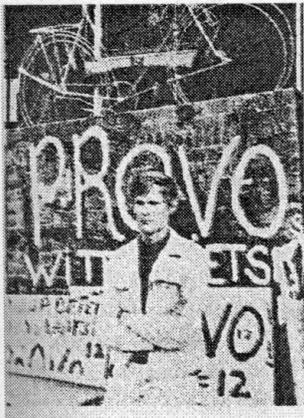


Fig. 21 – A bicicleta como alternativa ao automóvel (1966)

no IST para a Gincana de Novembro de 1969. A partir do “bem soberano” que era o automóvel, a luta contra a forma de ‘progresso tecnológico’ (vd. Fig. 23) que o capi-

talismo nos queria impor prosseguiu em termos mais gerais na imprensa da AEIST, com a crítica da ciência como instrumento de genocídio imperialista, ilustrado pela utilização de *napalm* no Vietnam (vd. Fig. 24).

talismo nos queria impor prosseguiu em termos mais gerais na imprensa da AEIST, com a crítica da ciência como instrumento de genocídio imperialista, ilustrado pela utilização de *napalm* no Vietnam (vd. Fig. 24).



Fig. 22 – A iniciação ao ‘automóvel-espectáculo’ (Jean Louis Trintignant aprende com Vittorio Gassman)

talismo nos queria impor prosseguiu em termos mais gerais na imprensa da AEIST, com a crítica da ciência como instrumento de genocídio imperialista, ilustrado pela utilização de *napalm* no Vietnam (vd. Fig. 24).



Fig. 23 – Fotograma de um film-tract de Godard (1968)

Será que esta amálgama imbricada de situações interligadas a diferentes escalas (do Técnico ao País, do País ao Mundo) pode ser vista como indício de um fenómeno fractal que levou ao **Débord(ement)** generalizado da antiga ordem?

Notas

- ¹ Desde os estudantes das ‘pró-associações’ dos Liceus e de Medicina até aos de Ciências (sujeitos a uma Comissão Administrativa), passando pelos transfugas de outras escolas, os jovens rebeldes de todo o País encontravam na AEIST uma ‘base’ segura, onde podiam imprimir os seus comunicados, reunir livremente, e preparar as suas ‘acções contestatárias’.
- ² Para além de um certo ‘amolecimento’ do regime na sequência do (feliz) episódio da cadeira, Almeida Alves, o Director do Técnico, estava completamente desfasado da realidade pós-Maio 68, arrastando durante algum tempo um certo paternalismo a que se habituara no passado longínquo em que a AEIST era ‘bem comportada’, continuando a tomá-la como ‘respeitável’ interlocutor (mais tarde, no fim do Outono quente, mudou totalmente de atitude, revelando o mais completo e absurdo desnorte quando a contestação extravasou dos ‘assuntos académicos’ para a vida quotidiana).
- ³ A percepção de que o país rural idealizado pelo Salazar se ia desenvolvendo apesar de tudo (ultrapassando os 100 milhões de contos no PIB e os 30% no emprego industrial) resultava da primeira análise socio-económica séria efectuada sobre a realidade portuguesa desse tempo, ao arrepio das fábulas criadas pela ‘oposição anti-fascista’. Essa análise pioneira – onde são referidas, *prima voce*, as ‘greves selvagens’ que começavam e eclodir no país, desencadeadas por jovens proletários ‘desenquadrados’ – é da responsabilidade da equipa dos “Cadernos de Circunstância”(*), constituída por um grupo de exilados em Paris que teve uma influência decisiva num novo **estilo** de contestação ao regime, ligado à experiência e à produção teórica de Maio de 68.
(*). Nessa publicação surgiu ainda a tese de que se assistia a uma fractura no interior da classe dominante, entre os tecnocratas que deram origem à “ala liberal” e os reacçãoários ultramontanos que se refugiavam no “Portugal Ultramarino” para se oporem à “Europa”. Também alguns estudos profundamente originais sobre a história portuguesa contemporânea foram publicados nos Cadernos de 1967 a 1969, ‘ressuscitando’ alguns importantes documentos sobre a severa repressão que se abatera sobre os anarco-sindicalistas durante a (até aí) sacrossanta I República (sempre elogiada pelas representações baseadas no discurso ‘oficial’ da esquerda).

NÃO! A CIÊNCIA NÃO É NEUTRA!

Jean-Marie Lévy-Leblond, investigador de renome internacional, "maître de conférence" na faculdade de Ciências de Paris, pronunciou em janeiro último a alocução que nós aqui publicamos. Este texto, que passou despercebido na altura, mostra bem que a repressão não é cega e que não é por acaso que Lévy-Leblond foi inculcado e suspenso das suas funções, depois de uma queixa do reitor da faculdade de ciência Zancirsky.

É com grande satisfação que recebo hoje o prêmio tribuído oferecido pela vossa Academia. Sinto-me satisfeito por poder agradecer o prazer que o facto me proporcionou, esperando fazer-vos compreender a sua natureza. Em particular, ele fornece-me a ocasião de aprofundar um certo número de questões quanto à minha situação de investigador, de cientista, assim como a possibilidade de hoje expor algumas das minhas conclusões.

É impossível com efeito reter um tal prêmio sem pôr algumas questões: porquê esta recompensa? Que fixa o de mérito? e aos olhos de quem? e, de um modo mais geral, a quem e para quê serve em definitivo a minha actividade científica? Porque faço investigação? Quais são as minhas motivações pessoais? Porque é que a sociedade organiza a investigação científica? Qual o papel da ciência na nossa sociedade? Na verdade, estas questões são postas cada vez mais frequentemente dentro e fora do nosso meio, sobretudo depois do grande movimento de Maio de 1968 e das profundas posições de questões que ele ocasionou.

Para todas estas questões existe uma série de respostas: Não é absolutamente evidente, com efeito, que a ciência tem um papel fundamental na evolução da sociedade, e é o motor essencial do progresso?

Que o investigador científico se tornou também no agente essencial da felicidade da humanidade e são nesse sentido as suas motivações primárias e as suas maiores satisfações? Sob formas mais ou menos nítidas, são esses os temas dum incessante discurso ouvido desde a escola primária até aos bancos da faculdade, e difundido tanto pelos organismos mais conservadores, como por certas vozes pretensamente revolucionárias.

Há no entanto fortes razões, para pôr em dúvida a validade destas respostas. Consideremos primeiro a relação entre a investigação para (ou fundamental) o progresso da sociedade. Dois dos ramos mais dispendiosos e mais prestigiosos da investigação actual são, sem dúvida nenhuma, a física das partículas de alta energia e a física espacial. Mas quais são as suas contribuições para o progresso geral? A quase totalidade dos físicos especializados em altas energias não terá dificuldade em confessar que nenhuma aplicação é esperada no seu domínio. Quanto aos frutos tão gra-

bados da investigação espacial não conheço senão as casarolas em cosmética refratária e outros "gadgets" (1) análogos. Entenda-se que estou bastante à vontade para falar destes problemas, na medida em que os meus próprios trabalhos, que hoje foram premiados, são um exemplo cabal da investigação "pura". Isto é, gratuita e sem outro interesse senão excitar a curiosidade duma vintena de especialistas em todo o mundo. A maior parte dos trabalhos de investigação revestem hoje este carácter perfeitamente esotérico, e não são compreensíveis senão para alguns iniciados. Certamente que existem outros domínios em que se vêem gigantescas possibilidades de aplicação: a medicina, e a agronomia, por exemplo, parecem trazer algumas respostas técnicas para os problemas da fome e da doença, que são os problemas de grande parte da humanidade.

Mas justamente, as estruturas sociais são tais que as soluções técnicas não podem ser postas em prática. Pense-se simplesmente no escândalo dos hospitais a abarrotar, na "medicina com desconto" para as classes populares, nos super-lucros das indústrias farmacêuticas, na falta de meios, em França para a investigação médica - sem mesmo pensar nos países que acabam de se libertar da exploração colonial. E se o progresso da técnica traz consigo, em geral, um aumento de produtividade industrial, não há caso conhecido em que isso tivesse como consequência imediata a melhoria das condições de vida das classes populares. São necessárias grandes lutas sociais, constantemente renovadas para obrigar as classes dirigentes a não utilizar em seu único proveito as novas possibilidades descobertas pela ciência. Assim, a modernização técnica das empresas traduz-se muitas vezes por despedimentos. Do mesmo modo entre 1958 e 1968, os técnicos e a produtividade industrial aumentaram prodigiosamente. Mas foi neces-

sário a grande greve de Maio-Junho 1968 para que os operários obtivessem globalmente algumas melhorias nas suas condições de trabalho - imediatamente cercadas pouco a pouco pelo patronato! Estas dívidas quanto à função progressista da ciência trazem outras quanto às motivações dos investigadores. São cada vez mais numerosos os que tomam consciência desta situação e passam por vezes à sua denúncia. Mas muitas vezes, é para se refugiar numa ética do conhecimento como valor em si, em que a ciência se torna o próprio fim (ver a lição inaugural de J. Monod no Colégio de França). E este, sem dúvida, o último recurso daqueles que recusam ver os factos à sua volta.

Porque, com efeito, longe de lançar a ideia de que a investigação e a ciência não servem para nada, estou completamente consistente da sua utilidade.

Sómente elas não servem de modo algum aquilo e aqueles que dizem servir. A actividade científica, como todas as outras não se pode separar do sistema social, em que se pratica. Como todas as outras, ela é principalmente orientada de modo a assegurar a perpetuação, ou pelo menos a sobrevivência do sistema. Os mecanismos pelos quais ela assume este papel são numerosos e complexos. Podem-se no entanto separar vários tipos de relações. Sobre o plano político, primeiro, é evidente que as potências imperialistas utilizam ao máximo as fontes da técnica moderna para obter um armamento destinado a garantir o seu poder. É sem dúvida neste domínio militar que a investigação científica encontrou as suas aplicações mais numerosas e mais crentes, nestes últimos anos. Mas mesmo aí, a utilidade e eficácia destas aplicações são limitadas, apesar da chantagem e do terror atómico. Basta observar a resistência vitoriosa do povo vietnamita à agressão americana, para se presuadir que em parte alguma a técnica e a ciência

(continua na pag. 8)



Fig. 24 - A neutralidade da Ciência posta em causa no Binómio 42 (Janeiro de 1971)

⁴ Neologismo proposto já neste século pelo filósofo italiano Franco Bernardi (Bifo) para designar o conjunto cada vez mais numeroso de pessoas (no qual as mulheres têm um papel cada vez mais influente) que "não têm mais nada para vender do que a sua força de trabalho (**cognitivo**)". Na genealogia deste conceito está a massificação da escolaridade no final dos anos 60 do século XX (com o seu - pálido - reflexo em Portugal), levando por um lado à revolta contra as caducas estruturas burocrático-tayloristas, e por outro à emergência de uma economia baseada no imaterial (feito de criatividade e conhecimento).

⁵ A boémia estudantil em Lisboa dispersava-se por diferentes espaços da cidade, integrando-se sem sombra de

elitismo nos mais 'desclassificados' meios sociais e abrindo para a interacção com outras tribos (ao contrário do que acontecia, por exemplo, em Coimbra).

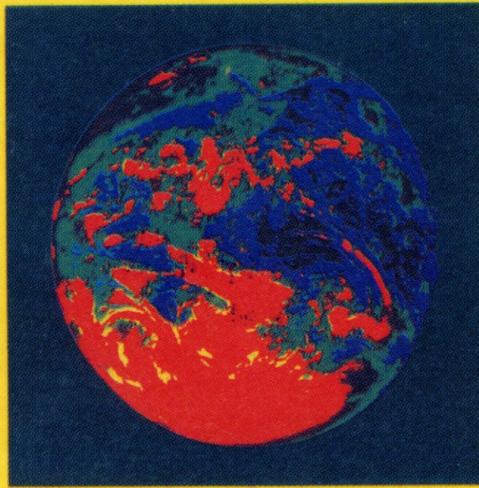
⁶ A viagem (nem que fosse a Benfica ou ao Lumiar) foi sempre um antídoto contra o quotidiano entediante criado pelo poder para fixar as pessoas a sítios precisos (não é por acaso que Michel Foucault denunciava as instituições repressivas - cadeia, fábrica, escola, caserna, hospital - como instrumentos para constringer os indivíduos a um número limitado de gestos e hábitos). Mas o desassossego acaba sempre por irromper nas existências mais 'soltas' (sob a forma interior em Pessoa ou exterior em Chatwin), condenando-as a um deliciosamente endiabrado delírio ambulatório (à maneira do Holandês Voador ou do Judeu Errante).

⁷ Os "boicotadores" eram um grupo de insolentes contestatários que boicotaram pelo fogo (*) a Gincana que o bando de

estudantes da direita 'desportiva' se propunha realizar, num 'circuito' pelas vias que ligavam entre si os pavilhões do Técnico.

(*) Os fardos de palha que definiam o circuito (e protegiam os eventuais 'espectadores') foram incendiados pelos "boicotadores" antes do início da 'prova', impedindo assim a sua efectivação (e levando - literalmente - ao rubro este prolongamento do Outono Quente, quando o confronto com a direita prosseguiu nos Cafés da Avenida de Roma, que se tornaram uma sede insólita desta 'luta de classes' *sui generis*, opondo o germen do **cognitarado** aos lambe-botas do regime, que o pretendiam 'liberalizar' à custa de uma - acanhada - tecnocracia).

ROBERTO FREIRE



TESUDOS
DE
TODO O MUNDO,
UNI-VOS!



“Nada é tão contagiante como o gosto pela liberdade”

**“Penso com os olhos e com os ouvidos e com as mãos
e os pés e com o nariz e a boca”**

(ROBERTO FREIRE, 1927-2008)